

# Ciências Humanas: Afeto, Poder e Interações

## 2



Natalia Colombo  
(Organizadora)

 **Atena**  
Editora  
Ano 2020

# Ciências Humanas: Afeto, Poder e Interações

## 2



Natalia Colombo  
(Organizadora)

Atena  
Editora  
Ano 2020

### **Editora Chefe**

Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira

### **Assistentes Editoriais**

Natalia Oliveira

Bruno Oliveira

Flávia Roberta Barão

### **Bibliotecário**

Maurício Amormino Júnior

### **Projeto Gráfico e Diagramação**

Natália Sandrini de Azevedo

Camila Alves de Cremona

Karine de Lima Wisniewski

Luiza Alves Batista

Maria Alice Pinheiro

### **Imagens da Capa**

Shutterstock

### **Edição de Arte**

Luiza Alves Batista

### **Revisão**

Os Autores

2020 by Atena Editora

Copyright © Atena Editora

Copyright do Texto © 2020 Os autores

Copyright da Edição © 2020 Atena

Editora

Direitos para esta edição cedidos à Atena

Editora pelos autores.



Todo o conteúdo deste livro está licenciado sob uma Licença de Atribuição *Creative Commons*. Atribuição-Não-Comercial-NãoDerivativos 4.0 Internacional (CC BY-NC-ND 4.0).

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores, inclusive não representam necessariamente a posição oficial da Atena Editora. Permitido o *download* da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

A Atena Editora não se responsabiliza por eventuais mudanças ocorridas nos endereços convencionais ou eletrônicos citados nesta obra.

Todos os manuscritos foram previamente submetidos à avaliação cega pelos pares, membros do Conselho Editorial desta Editora, tendo sido aprovados para a publicação.

### **Conselho Editorial**

#### **Ciências Humanas e Sociais Aplicadas**

Prof. Dr. Alexandre Jose Schumacher – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Paraná

Prof. Dr. Américo Junior Nunes da Silva – Universidade do Estado da Bahia

Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná

Prof. Dr. Antonio Gasparetto Júnior – Instituto Federal do Sudeste de Minas Gerais

Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília

Prof. Dr. Carlos Antonio de Souza Moraes – Universidade Federal Fluminense  
Profª Drª Cristina Gaio – Universidade de Lisboa  
Prof. Dr. Daniel Richard Sant’Ana – Universidade de Brasília  
Prof. Dr. Deyvison de Lima Oliveira – Universidade Federal de Rondônia  
Profª Drª Dilma Antunes Silva – Universidade Federal de São Paulo  
Prof. Dr. Edvaldo Antunes de Farias – Universidade Estácio de Sá  
Prof. Dr. Elson Ferreira Costa – Universidade do Estado do Pará  
Prof. Dr. Eloi Martins Senhora – Universidade Federal de Roraima  
Prof. Dr. Gustavo Henrique Cepolini Ferreira – Universidade Estadual de Montes Claros  
Profª Drª Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionele delle Figlie de Maria Ausiliatrice  
Prof. Dr. Jadson Correia de Oliveira – Universidade Católica do Salvador  
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense  
Profª Drª Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins  
Prof. Dr. Luis Ricardo Fernandes da Costa – Universidade Estadual de Montes Claros  
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte  
Prof. Dr. Marcelo Pereira da Silva – Pontifícia Universidade Católica de Campinas  
Profª Drª Maria Luzia da Silva Santana – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul  
Profª Drª Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Profª Drª Rita de Cássia da Silva Oliveira – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Prof. Dr. Rui Maia Diamantino – Universidade Salvador  
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará  
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande  
Prof. Dr. William Cleber Domingues Silva – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro  
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

#### **Ciências Agrárias e Multidisciplinar**

Prof. Dr. Alexandre Igor Azevedo Pereira – Instituto Federal Goiano  
Profª Drª Carla Cristina Bauermann Brasil – Universidade Federal de Santa Maria  
Prof. Dr. Antonio Pasqualetto – Pontifícia Universidade Católica de Goiás  
Prof. Dr. Cleberton Correia Santos – Universidade Federal da Grande Dourados  
Profª Drª Daiane Garabeli Trojan – Universidade Norte do Paraná  
Profª Drª Diocléa Almeida Seabra Silva – Universidade Federal Rural da Amazônia  
Prof. Dr. Écio Souza Diniz – Universidade Federal de Viçosa  
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul  
Prof. Dr. Fágner Cavalcante Patrocínio dos Santos – Universidade Federal do Ceará  
Profª Drª Girlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia  
Prof. Dr. Jael Soares Batista – Universidade Federal Rural do Semi-Árido  
Prof. Dr. Júlio César Ribeiro – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro  
Profª Drª Lina Raquel Santos Araújo – Universidade Estadual do Ceará  
Prof. Dr. Pedro Manuel Villa – Universidade Federal de Viçosa  
Profª Drª Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão  
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará  
Profª Drª Talita de Santos Matos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro  
Prof. Dr. Tiago da Silva Teófilo – Universidade Federal Rural do Semi-Árido  
Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas

## **Ciências Biológicas e da Saúde**

Prof. Dr. André Ribeiro da Silva – Universidade de Brasília  
Profª Drª Anelise Levay Murari – Universidade Federal de Pelotas  
Prof. Dr. Benedito Rodrigues da Silva Neto – Universidade Federal de Goiás  
Profª Drª Débora Luana Ribeiro Pessoa – Universidade Federal do Maranhão  
Prof. Dr. Douglas Siqueira de Almeida Chaves -Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro  
Prof. Dr. Edson da Silva – Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri  
Profª Drª Eleuza Rodrigues Machado – Faculdade Anhanguera de Brasília  
Profª Drª Elane Schwinden Prudêncio – Universidade Federal de Santa Catarina  
Profª Drª Eysler Gonçalves Maia Brasil – Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira  
Prof. Dr. Ferlando Lima Santos – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia  
Profª Drª Gabriela Vieira do Amaral – Universidade de Vassouras  
Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria  
Prof. Dr. Helio Franklin Rodrigues de Almeida – Universidade Federal de Rondônia  
Profª Drª Iara Lúcia Tescarollo – Universidade São Francisco  
Prof. Dr. Igor Luiz Vieira de Lima Santos – Universidade Federal de Campina Grande  
Prof. Dr. Jefferson Thiago Souza – Universidade Estadual do Ceará  
Prof. Dr. Jesus Rodrigues Lemos – Universidade Federal do Piauí  
Prof. Dr. Jônatas de França Barros – Universidade Federal do Rio Grande do Norte  
Prof. Dr. José Max Barbosa de Oliveira Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará  
Prof. Dr. Luís Paulo Souza e Souza – Universidade Federal do Amazonas  
Profª Drª Magnólia de Araújo Campos – Universidade Federal de Campina Grande  
Prof. Dr. Marcus Fernando da Silva Praxedes – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia  
Profª Drª Maria Tatiane Gonçalves Sá – Universidade do Estado do Pará  
Profª Drª Mylena Andréa Oliveira Torres – Universidade Ceuma  
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federaci do Rio Grande do Norte  
Prof. Dr. Paulo Inada – Universidade Estadual de Maringá  
Prof. Dr. Rafael Henrique Silva – Hospital Universitário da Universidade Federal da Grande Dourados  
Profª Drª Regiane Luz Carvalho – Centro Universitário das Faculdades Associadas de Ensino  
Profª Drª Renata Mendes de Freitas – Universidade Federal de Juiz de Fora  
Profª Drª Vanessa Lima Gonçalves – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande

## **Ciências Exatas e da Terra e Engenharias**

Prof. Dr. Adélio Alcino Sampaio Castro Machado – Universidade do Porto  
Prof. Dr. Alexandre Leite dos Santos Silva – Universidade Federal do Piauí  
Prof. Dr. Carlos Eduardo Sanches de Andrade – Universidade Federal de Goiás  
Profª Drª Carmen Lúcia Voigt – Universidade Norte do Paraná  
Prof. Dr. Douglas Gonçalves da Silva – Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia  
Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná  
Profª Drª Érica de Melo Azevedo – Instituto Federal do Rio de Janeiro  
Prof. Dr. Fabrício Menezes Ramos – Instituto Federal do Pará  
Profª Dra. Jéssica Verger Nardeli – Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho  
Prof. Dr. Juliano Carlo Rufino de Freitas – Universidade Federal de Campina Grande

Profª Drª Luciana do Nascimento Mendes – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte  
Prof. Dr. Marcelo Marques – Universidade Estadual de Maringá  
Profª Drª Neiva Maria de Almeida – Universidade Federal da Paraíba  
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte  
Profª Drª Priscila Tessmer Scaglioni – Universidade Federal de Pelotas  
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista

### **Linguística, Letras e Artes**

Profª Drª Adriana Demite Stephani – Universidade Federal do Tocantins  
Profª Drª Angeli Rose do Nascimento – Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro  
Profª Drª Carolina Fernandes da Silva Mandaji – Universidade Tecnológica Federal do Paraná  
Profª Drª Denise Rocha – Universidade Federal do Ceará  
Prof. Dr. Fabiano Tadeu Grazioli – Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões  
Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná  
Profª Drª Keyla Christina Almeida Portela – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Paraná  
Profª Drª Miranilde Oliveira Neves – Instituto de Educação, Ciência e Tecnologia do Pará  
Profª Drª Sandra Regina Gardacho Pietrobon – Universidade Estadual do Centro-Oeste  
Profª Drª Sheila Marta Carregosa Rocha – Universidade do Estado da Bahia

### **Conselho Técnico Científico**

Prof. Me. Abrãao Carvalho Nogueira – Universidade Federal do Espírito Santo  
Prof. Me. Adalberto Zorzo – Centro Estadual de Educação Tecnológica Paula Souza  
Prof. Me. Adalto Moreira Braz – Universidade Federal de Goiás  
Prof. Dr. Adaylson Wagner Sousa de Vasconcelos – Ordem dos Advogados do Brasil/Seccional Paraíba  
Prof. Dr. Adilson Tadeu Basquerote Silva – Universidade para o Desenvolvimento do Alto Vale do Itajaí  
Prof. Me. Alexsandro Teixeira Ribeiro – Centro Universitário Internacional  
Prof. Me. André Flávio Gonçalves Silva – Universidade Federal do Maranhão  
Profª Ma. Andréa Cristina Marques de Araújo – Universidade Fernando Pessoa  
Profª Drª Andreza Lopes – Instituto de Pesquisa e Desenvolvimento Acadêmico  
Profª Drª Andrezza Miguel da Silva – Faculdade da Amazônia  
Profª Ma. Anelisa Mota Gregoleti – Universidade Estadual de Maringá  
Profª Ma. Anne Karynne da Silva Barbosa – Universidade Federal do Maranhão  
Prof. Dr. Antonio Hot Pereira de Faria – Polícia Militar de Minas Gerais  
Prof. Me. Armando Dias Duarte – Universidade Federal de Pernambuco  
Profª Ma. Bianca Camargo Martins – UniCesumar  
Profª Ma. Carolina Shimomura Nanya – Universidade Federal de São Carlos  
Prof. Me. Carlos Antônio dos Santos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro  
Prof. Ma. Cláudia de Araújo Marques – Faculdade de Música do Espírito Santo  
Profª Drª Cláudia Taís Siqueira Cagliari – Centro Universitário Dinâmica das Cataratas  
Prof. Me. Clécio Danilo Dias da Silva – Universidade Federal do Rio Grande do Norte  
Prof. Me. Daniel da Silva Miranda – Universidade Federal do Pará  
Profª Ma. Daniela da Silva Rodrigues – Universidade de Brasília

Profª Ma. Daniela Remião de Macedo – Universidade de Lisboa  
Profª Ma. Dayane de Melo Barros – Universidade Federal de Pernambuco  
Prof. Me. Douglas Santos Mezacas – Universidade Estadual de Goiás  
Prof. Me. Edevaldo de Castro Monteiro – Embrapa Agrobiologia  
Prof. Me. Eduardo Gomes de Oliveira – Faculdades Unificadas Doctum de Cataguases  
Prof. Me. Eduardo Henrique Ferreira – Faculdade Pitágoras de Londrina  
Prof. Dr. Edwaldo Costa – Marinha do Brasil  
Prof. Me. Eliel Constantino da Silva – Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita  
Prof. Me. Ernane Rosa Martins – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Goiás  
Prof. Me. Euvaldo de Sousa Costa Junior – Prefeitura Municipal de São João do Piauí  
Profª Ma. Fabiana Coelho Couto Rocha Corrêa – Centro Universitário Estácio Juiz de Fora  
Prof. Dr. Fabiano Lemos Pereira – Prefeitura Municipal de Macaé  
Prof. Me. Felipe da Costa Negrão – Universidade Federal do Amazonas  
Profª Drª Germana Ponce de Leon Ramírez – Centro Universitário Adventista de São Paulo  
Prof. Me. Gevair Campos – Instituto Mineiro de Agropecuária  
Prof. Me. Givanildo de Oliveira Santos – Secretaria da Educação de Goiás  
Prof. Dr. Guilherme Renato Gomes – Universidade Norte do Paraná  
Prof. Me. Gustavo Krahl – Universidade do Oeste de Santa Catarina  
Prof. Me. Helton Rangel Coutinho Junior – Tribunal de Justiça do Estado do Rio de Janeiro  
Profª Ma. Isabelle Cerqueira Sousa – Universidade de Fortaleza  
Profª Ma. Jaqueline Oliveira Rezende – Universidade Federal de Uberlândia  
Prof. Me. Javier Antonio Albornoz – University of Miami and Miami Dade College  
Prof. Me. Jhonatan da Silva Lima – Universidade Federal do Pará  
Prof. Dr. José Carlos da Silva Mendes – Instituto de Psicologia Cognitiva, Desenvolvimento Humano e Social  
Prof. Me. Jose Elyton Batista dos Santos – Universidade Federal de Sergipe  
Prof. Me. José Luiz Leonardo de Araujo Pimenta – Instituto Nacional de Investigación Agropecuaria Uruguay  
Prof. Me. José Messias Ribeiro Júnior – Instituto Federal de Educação Tecnológica de Pernambuco  
Profª Drª Juliana Santana de Curcio – Universidade Federal de Goiás  
Profª Ma. Juliana Thaisa Rodrigues Pacheco – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Profª Drª Kamilly Souza do Vale – Núcleo de Pesquisas Fenomenológicas/UFPA  
Prof. Dr. Kárpio Márcio de Siqueira – Universidade do Estado da Bahia  
Profª Drª Karina de Araújo Dias – Prefeitura Municipal de Florianópolis  
Prof. Dr. Lázaro Castro Silva Nascimento – Laboratório de Fenomenologia & Subjetividade/UFPR  
Prof. Me. Leonardo Tullio – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Profª Ma. Lilian Coelho de Freitas – Instituto Federal do Pará  
Profª Ma. Liliani Aparecida Sereno Fontes de Medeiros – Consórcio CEDERJ  
Profª Drª Lívia do Carmo Silva – Universidade Federal de Goiás  
Prof. Dr. Lucio Marques Vieira Souza – Secretaria de Estado da Educação, do Esporte e da Cultura de Sergipe  
Prof. Me. Luis Henrique Almeida Castro – Universidade Federal da Grande Dourados  
Prof. Dr. Luan Vinicius Bernardelli – Universidade Estadual do Paraná  
Prof. Dr. Michel da Costa – Universidade Metropolitana de Santos  
Prof. Dr. Marcelo Máximo Purificação – Fundação Integrada Municipal de Ensino Superior

Prof. Me. Marcos Aurelio Alves e Silva – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de São Paulo

Profª Ma. Maria Elanny Damasceno Silva – Universidade Federal do Ceará

Profª Ma. Marileila Marques Toledo – Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri

Prof. Me. Ricardo Sérgio da Silva – Universidade Federal de Pernambuco

Profª Ma. Renata Luciane Polsaque Young Blood – UniSecal

Prof. Me. Robson Lucas Soares da Silva – Universidade Federal da Paraíba

Prof. Me. Sebastião André Barbosa Junior – Universidade Federal Rural de Pernambuco

Profª Ma. Silene Ribeiro Miranda Barbosa – Consultoria Brasileira de Ensino, Pesquisa e Extensão

Profª Ma. Solange Aparecida de Souza Monteiro – Instituto Federal de São Paulo

Prof. Me. Tallys Newton Fernandes de Matos – Faculdade Regional Jaguaribana

Profª Ma. Thatianny Jasmine Castro Martins de Carvalho – Universidade Federal do Piauí

Prof. Me. Tiago Silvio Dedoné – Colégio ECEL Positivo

Prof. Dr. Welleson Feitosa Gazel – Universidade Paulista

**Editora Chefe:** Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira  
**Bibliotecário** Maurício Amormino Júnior  
**Diagramação:** Maria Alice Pinheiro  
**Correção:** David Emanuel Freitas  
**Edição de Arte:** Luiza Alves Batista  
**Revisão:** Os Autores  
**Organizadora:** Natalia Colombo

**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)  
(eDOC BRASIL, Belo Horizonte/MG)**

C569 Ciências humanas [recurso eletrônico] : afeto, poder e interações 2 / Organizadora Natalia Colombo. – Ponta Grossa, PR: Atena, 2020.

Formato: PDF

Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader

Modo de acesso: World Wide Web

Inclui bibliografia

ISBN 978-65-5706-454-2

DOI 10.22533/at.ed.542200810

1. Ciências humanas – Pesquisa – Brasil. I.Colombo, Natalia.

CDD 300

Elaborado por Maurício Amormino Júnior – CRB6/2422

**Atena Editora**

Ponta Grossa – Paraná – Brasil

Telefone: +55 (42) 3323-5493

[www.atenaeditora.com.br](http://www.atenaeditora.com.br)

[contato@atenaeditora.com.br](mailto:contato@atenaeditora.com.br)

## APRESENTAÇÃO

O segundo volume de “Afeto, Poder e Interações” transita entre as temáticas concernentes à educação, processos históricos, tecnologias, capitalismo e suas rupturas, informação, globalização, interdisciplinaridade, relações jurídicas, rituais e especificidades culturais.

Abrimos o volume com capítulos relacionados à educação: abordando a escola como instituição social de maior relevância na formação de personalidade e convívio, desenvolvimento humano e sobre como o uso de fontes históricas, o processo de inclusão e exclusão socio espacial e acesso e uso de tecnologias interferem no processo de ensino e aprendizagem.

Na sequência reflexões sobre a vivência na formação de educadores, experiências poético-estéticas sobrepostas à ciência como base do conhecimento e a valorização dos saberes dos povos originários; abrem um debate sobre imposições formais e os benefícios na flexibilização da visão de uma única estrutura possível na construção do conhecimento.

Tais rupturas nos apresentam readequações nas leituras sobre o modo de vida na sociedade capitalista como a conhecemos e a adaptação iminente e necessária desse modelo pré-estabelecido.

Na sequência, o sujeito é apresentado como o centro do debate da crise da informação, globalização e instantaneidade; relações entre homem e máquina, inteligência artificial e novos discursos e visões de responsabilidade civil e jurídica.

Encerramos apresentando quatro capítulos que tratam de abordagens sobre as especificidades culturais nas relações humanas e debates sobre os papéis dos rituais na sociedade.

Natalia Colombo

## SUMÁRIO

<b>CAPÍTULO 1</b> .....	<b>1</b>
EDUCAÇÃO - UM DIREITO	
Adelcio Machado dos Santos	
Daniele Martins Leffe	
<b>DOI 10.22533/at.ed.5422008101</b>	
<b>CAPÍTULO 2</b> .....	<b>8</b>
DISTINÇÕES, RELAÇÕES E IMPLICAÇÕES NA PRODUÇÃO DO CONHECIMENTO POR MEIO DA PESQUISA INTERDISCIPLINAR	
Jocélia Barbosa Nogueira	
Maria Rita Santos da Silva	
Elenize Cristina Oliveira da Silva	
<b>DOI 10.22533/at.ed.5422008102</b>	
<b>CAPÍTULO 3</b> .....	<b>17</b>
DIÁLOGOS ENTRE HISTÓRIA E ARTE: DA SUBJETIVAÇÃO À SALA DE AULA	
Ana Julia e Silva	
<b>DOI 10.22533/at.ed.5422008103</b>	
<b>CAPÍTULO 4</b> .....	<b>25</b>
ENSINO CARTOGRÁFICO NAS ESCOLAS DA REDE PÚBLICA DE PRESIDENTE PRUDENTE: DESAFIOS SOB A PERSPECTIVA DO PROFESSOR	
Paulo Roberto Alves de Araujo Junior	
<b>DOI 10.22533/at.ed.5422008104</b>	
<b>CAPÍTULO 5</b> .....	<b>39</b>
ARTE, EDUCAÇÃO E TECNOLOGIA NO CURSO DE EDUCAÇÃO DO CAMPO (UFT - TOCANTINÓPOLIS)	
Anna Flávia Martins Duarte	
Kênia Gonçalves Costa	
<b>DOI 10.22533/at.ed.5422008105</b>	
<b>CAPÍTULO 6</b> .....	<b>55</b>
O QUE MAIS CONTA NA ESCRITA, MÉTODO OU SENSIBILIDADE? RELAÇÕES DE PODER NA ESCRITA E PRODUÇÃO DO CONHECIMENTO E AS POSSIBILIDADES NO ENSINO DE HISTÓRIA A PARTIR DA PRODUÇÃO DOS NÃO-HISTORIADORES	
Manoel Adir Kischener	
Everton Marcos Batistela	
Airton Carlos Batistela	
Mariza Rotta	
<b>DOI 10.22533/at.ed.5422008106</b>	

<b>CAPÍTULO 7</b> .....	<b>69</b>
A IMPORTÂNCIA DO ESTÁGIO PARA A FORMAÇÃO DOCENTE: EXPERIÊNCIAS DE ESTÁGIO SUPERVISIONADO EM EDUCAÇÃO FÍSICA NO ÂMBITO DA EDUCAÇÃO, DO ESPORTE E DO LAZER	
<p> <i>Joseli Vaz Fabricio</i>  <i>Guilherme Nunes de Freitas</i>  <i>Juliana Rodrigues da Silva</i>  <i>Karine Aparecida dos Santos Vaz</i>  <i>Renato Salla Braghin</i>  <i>Diogo Bertella Foschiera</i> </p>	
<b>DOI 10.22533/at.ed.5422008107</b>	
<b>CAPÍTULO 8</b> .....	<b>79</b>
ARA WATASARA: CARTOFILIA DO RIO SOLIMÕES	
<p> <i>Marilina Conceição Oliveira Bessa Serra Pinto</i> </p>	
<b>DOI 10.22533/at.ed.5422008108</b>	
<b>CAPÍTULO 9</b> .....	<b>92</b>
VIVÊNCIAS NO ASSENTAMENTO DO CONTESTADO-PR	
<p> <i>Eliandra Francielli Bini Jaskiw</i>  <i>Luiz Fernando de Carli Lautert</i> </p>	
<b>DOI 10.22533/at.ed.5422008109</b>	
<b>CAPÍTULO 10</b> .....	<b>102</b>
O CAPITAL ENCURRALADO	
<p> <i>Atanásio Mykonios</i> </p>	
<b>DOI 10.22533/at.ed.54220081010</b>	
<b>CAPÍTULO 11</b> .....	<b>117</b>
PRÊT-À-PORTER: UMA ESTÉTICA DA VIDA CONTEMPORÂNEA	
<p> <i>Gabriel Liberato Duarte dos Reis</i>  <i>Ailton Siqueira de Sousa Fonseca</i> </p>	
<b>DOI 10.22533/at.ed.54220081011</b>	
<b>CAPÍTULO 12</b> .....	<b>128</b>
TRÊS INTENÇÕES, UM OLHAR: EXERCÍCIO DE COMPREENSÃO COLETIVA DE PROJETOS DE PESQUISA DE DOUTORADO	
<p> <i>Larissa Silva Gonçalves</i>  <i>Lúcia Maria Barbosa Lira</i>  <i>Telma de Verçosa Roessing</i> </p>	
<b>DOI 10.22533/at.ed.54220081012</b>	
<b>CAPÍTULO 13</b> .....	<b>141</b>
DISCURSO JURÍDICO E PRÁTICAS SOCIAIS	
<p> <i>Heliud Luis Maia Moura</i> </p>	
<b>DOI 10.22533/at.ed.54220081013</b>	

<b>CAPÍTULO 14</b> .....	<b>155</b>
I.A.: CONSIDERAÇÕES JURÍDICAS E ASPECTOS ÉTICOS ACERCA DO ARTIFICIAL E NOVAS FORMAS DE INTELIGÊNCIA	
Mateus Catalani Pirani	
Daniel Stipanich Nostre	
<b>DOI 10.22533/at.ed.54220081014</b>	
<b>CAPÍTULO 15</b> .....	<b>167</b>
RESPONSABILIDADE PENAL DA PESSOA JURÍDICA NOS CRIMES ECONÔMICOS	
Maiara Motta	
Gabriel Moura Aguiar	
<b>DOI 10.22533/at.ed.54220081015</b>	
<b>CAPÍTULO 16</b> .....	<b>181</b>
RESPONSABILIDADE CIVIL MÉDICA E O TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO	
Maiara Motta	
Kelly Cristina Canela	
<b>DOI 10.22533/at.ed.54220081016</b>	
<b>CAPÍTULO 17</b> .....	<b>195</b>
A CONSTRUÇÃO DO <i>ETHOS</i> EM <i>PASSAGEM PARA ARARAT</i> , DE MICHAEL ARLEN	
Dayse Oliveira Barbosa	
<b>DOI 10.22533/at.ed.54220081017</b>	
<b>CAPÍTULO 18</b> .....	<b>202</b>
RITUAL MÍSTICO-RELIGIOSO E TERAPIAS DE CURA NA CAVERNA SANTA TEREZINHA NA SERRA DO RONCADOR, COCALINHO - MATO GROSSO	
Nataly Aparecida Carvalho Neves Linhares	
<b>DOI 10.22533/at.ed.54220081018</b>	
<b>CAPÍTULO 19</b> .....	<b>211</b>
“ENTRE A CRUZ E A ESPADA”: A IMPORTÂNCIA DOS RITOS FÚNEBRES COMO PRÁTICA DE FÉ AINDA QUE DIANTE DE COIBIÇÃO HEGEMÔNICA	
Viviane Faria Lopes	
Emerson de Stefani	
<b>DOI 10.22533/at.ed.54220081019</b>	
<b>CAPÍTULO 20</b> .....	<b>226</b>
TROCAS AFETIVAS EM CONTEXTO DE INTERAÇÃO MÃE-BEBÊ	
Clarice Bieler	
<b>DOI 10.22533/at.ed.54220081020</b>	
<b>CAPÍTULO 21</b> .....	<b>236</b>
DESAFIOS NO CUIDAR DOS IDOSOS: CONTRIBUTO DA METODOLOGIA DE CUIDADO HUMANIDADE NA REDUÇÃO DA ANSIEDADE DOS CUIDADORES	
Liliana Vanessa Lúcio Henriques	

Rosa Cândida Carvalho Pereira de Melo  
Mónica Paula Lopes de Oliveira Pereira  
Andreia Henriques  
Maria Amélia Nabais Martins  
Rafael Efraim Dias Geraldês Alves

**DOI 10.22533/at.ed.54220081021**

<b>SOBRE A ORGANIZADORA.....</b>	<b>248</b>
<b>ÍNDICE REMISSIVO.....</b>	<b>249</b>

# CAPÍTULO 10

## O CAPITAL ENCURRALADO

*Data de aceite: 01/10/2020*

### Atanásio Mykonios

Universidade Federal dos Vales do  
Jequitinhonha e Mucuri  
Bacharelado em Ciências Humanas  
Faculdade Interdisciplinar em Humanidades  
Diamantina – Minas Gerais - Brasil  
<http://lattes.cnpq.br/7480592245100986>

**RESUMO:** O capital está em busca de uma nova adequação à sua condição lógica de produção de valor, uma vez que a crise estrutural do sistema encontra seu ponto de inflexão dado pelas novas condições de produção, em que a ciência, como forma material do capital, introduz a contradição insolúvel por meio do aumento da produção e a substituição da força de trabalho. A burguesia se vê, portanto, numa encruzilhada histórica ao queimar as mediações institucionais e provocar o impasse sobre os estados-nacionais e sua constituição objetiva. A economia mundial, por meio de seu sistema financeiro, dá sinais de que não é mais possível extrair mais-valor a partir da exploração do tempo excedente da força de trabalho e neste momento, o sistema entra numa fase inercial de sua própria condição, o valor despenca com o aumento forma objetiva da ciência que é a tecnologia que não pode ser freada sob pena de os concorrentes serem destruídos no mercado. Por conseguinte, o impasse se dá em torno das funções dos estados-nacionais e suas fronteiras.

**PALAVRAS-CHAVE:** Produção de valor; ciência; estados-nacionais; sistema financeiro; adequação.

### THE CORNERED CAPITAL

**ABSTRACT:** Capital is in search of a new adaptation to its logical condition of production of value, since the structural crisis of the system finds its point of inflection given by the new conditions of production, in which science, as a material form of capital, introduces the insoluble contradiction by increasing production and replacing the workforce. The bourgeoisie, therefore, finds itself at a historical crossroads by burning institutional mediations and provoking the impasse over national states and their objective constitution. The world economy, through its financial system, shows that it is no longer possible to extract more value from the exploitation of the surplus labor time, and at this moment the system enters an inertial phase of its own condition, the value plunges with the objective increase of science that is technology that cannot be restrained under penalty of competitors being destroyed in the market. Therefore, the impasse occurs around the functions of national states and their borders.

**KEYWORDS:** Production of value; science; national states; financial system; adequacy.

### A RESPOSTA FASCISTA AO OCASO

Estamos em um período do capital em que as fronteiras dessa civilização começam a apontar seus limites estruturais, além de colocarem para nós o grande efeito devastador

que o aumento da produtividade material tem sobre a natureza e as reservas de matéria-prima, necessárias para a continuação em escala progressiva. O mundo que se torna cada vez mais virtualizado, nos apresenta a realidade de bilhões de seres humanos robotizados, nada mais é do que a consequência do mundo instantâneo do capital, que atingiu níveis inimagináveis, em grau altamente destrutivo, do ponto de vista da sua real riqueza, que não se realiza.

Enquanto o mundo parece esperar passivo por mais uma crise do sistema financeiro, as nações veem surgir uma espécie de cortina de fumaça que procura dar um sentido à crise estrutural, social e humanitária do capital, de modo que por todas as partes, vemos grupos se levantarem, com extrema ferocidade, com o explícito objetivo de reivindicarem para si a representação de um mundo, por meio de interpretações que nada mais são que a reprodução do pavor diante do esfacelamento do sistema do capital.

Os diversos fascismos voltam à tona para resgatarem a moralidade imaginam estar no interior do sistema social do capital. Isso não passa de uma desesperada tentativa de trazer de volta o que o próprio capital já sepultou, sob diversos aspectos, como a organização social baseada na família nuclear; a diversidade social imposta pela terceira revolução industrial; as liberdades que a sociedade de consumo propiciou às massas urbanizadas; a pulverização da classe trabalhadora; a reestruturação produtiva; o fato, entre outros, de que a maioria dos trabalhadores não produz diretamente nada; a ficção dos estados-nacionais; a eliminação das fronteiras dos negócios e das empresas etc.

Escreve João Bernardo, em seu livro *Labirintos do fascismo: na encruzilhada da ordem e da revolta* que “A história do fascismo não está concluída porque o fascismo é ainda uma realidade em suspenso. Ele foi destruído militarmente sem estar política e ideologicamente esgotado” (BERNARDO, 2015, p. 8). Aponta para o fundamento do fascismo ao dizer que “Defini então o fascismo, em três palavras, como a revolta no interior da coesão, chamando a atenção para a sua ambivalência, ao mesmo tempo radical e conservador. O fascismo foi uma revolta na ordem” (BERNARDO, 2015, p. 13).

Desde o início, a burguesia precisava de uma teoria razoável que representasse cientificamente a nova forma social, com caráter teórico. A ciência do liberalismo é a ciência que dá legitimidade e garante a sustentabilidade do sistema, como um colchão que protege os capitalistas.

Entre aqueles que permanecem apegados aos ideais do liberalismo clássico, foram formulados dois tipos de resposta que devem-se distinguir, ainda que, historicamente, elas tenham se misturado algumas vezes. A primeira em ordem cronológica é a do “novo liberalismo”, a segunda é a do “neoliberalismo”. Os nomes dados a essas duas vias não se impuseram de imediato, como se pode imaginar. Foi o uso que se fez delas, os conteúdos que foram elaborados, as linhas políticas que se destacaram pouco a pouco que nos permitem distingui-las retroativamente. A proximidade dos nomes traduz, em primeiro lugar, uma comunidade de projeto: trata-se nos dois casos de responder a uma crise do modo de governo liberal, de superar as dificuldades de todos os tipos que

surgiram das mutações do capitalismo, dos conflitos sociais, dos confrontos internacionais. Trata-se, até, mais fundamentalmente, de fazer frente ao que apareceu em dado momento como o “fim do capitalismo”, fim esse que foi encarnado pela ascensão dos “totalitarismos” após a Primeira Guerra Mundial. Essas duas correntes descobriram progressivamente que tinham em comum, dito brutalmente, um inimigo: o totalitarismo, isto é, a destruição da sociedade liberal. Sem dúvida, foi isso que as levou a criar um discurso ao mesmo tempo teórico e político que dá razão, forma e sentido à intervenção governamental, um discurso novo, que produz uma nova racionalidade governamental. O que supunha revisar, de um lado e de outro, o naturalismo liberal tal como fora transmitido do longo do século XIX. (DARDOT, LAVAL, 2016, p. 68)

Segundo Dardot e Laval, os promotores do sistema do capital viram nos “totalitarismos” uma ameaça real, dado que as estruturas que mantinham a sociedade capitalista poderiam ser abaladas se um sistema totalitário fosse imposto em grande escala. Certamente, os processos beligerantes e as grandes guerras, bem como as revoluções que sacudiram o mundo, foram elementos basilares para a conclusão de que a sociedade liberal estava em risco iminente. Ainda é preciso somar a essas doses cavalares de medo, o próprio comportamento do sistema do capital que em meados da década de 1970, dava sinais evidentes de que não seria possível o capital continuar à adequação perfeita que dera ao sistema a sua riqueza por meio da produção de valor.

O colapso da União Soviética não se deve apenas à sua estrutura interna de insuficiência dos padrões mínimos necessários para manter seu poder político e econômico. As economias soviéticas colapsaram também pela necessidade de expansão da base de valor do capital “ocidental”. A China ainda não estava na condição atual, a Revolução Cultural lançara as bases, preparando o país para se projetar como uma potência econômica, capaz de abalar a hegemonia dos EUA. Enquanto isso, a Rússia atravessou um longo período obscuro até restaurar seu poder regional e garantir sua economia em bases mais sólidas, se bem que não se apresenta como liderança mundial, a não ser no que concerne ao poder militar que é o seu grande trunfo.

O comportamento da economia mundial, aliado à Guerra Fria e as possibilidades de ruptura por parte dos trabalhadores no Ocidente, especialmente na Europa, como resposta à crise estrutural do capitalismo – o petróleo, o ouro, a dívida privada, o crédito que explodia na década de 1970 – já demonstrava a sua fragilidade quanto ao modo de quitar as dívidas e, sobretudo, a emergência de uma nova ordem mundial em virtude das transformações do processo produtivo, por meio da ciência.

O “neoliberalismo” vem mais tarde. Em certos aspectos, aparece como uma decantação do “novo liberalismo” e, em outros, como uma alternativa aos tipos de intervenção econômica e reformismo social pregados pelo “novo liberalismo”. Ele compartilhará amplamente a primeira proposição como este último. Mas, ainda que admitam a necessidade de uma intervenção do Estado e rejeitem a pura passividade governamental, os neoliberais opõem-se a qualquer ação que entrave o jogo da concorrência entre interesses privados.

A intervenção do Estado tem até um sentido contrário: trata-se não de limitar o mercado por uma ação de correção ou compensação do Estado, mas de desenvolver e purificar o mercado concorrencial por um enquadramento jurídico cuidadosamente ajustado. Não se trata mais de postular um acordo espontâneo entre os interesses individuais, mas de produzir as condições ótimas para que o jogo de rivalidade satisfaça o interesse coletivo. A esse respeito, rejeitando a segunda das duas proposições mencionada antes, o neoliberalismo combina a reabilitação da intervenção pública com uma concepção do mercado centrada na concorrência, cuja fonte, como vimos, encontra-se no spencerismo da segunda metade século XIX. Ele prolonga a virada que deslocou o eixo do liberalismo, fazendo da concorrência o princípio central da vida social e individual, mas em oposição à fobia spenceriana de Estado, reconhece que a ordem de mercado não é um dado da natureza, mas um produto artificial de uma história e de uma construção política. (DARDOT, LAVEL, 2016, pp. 69-70)

O sistema financeiro e as corporações, atuando em conjunto, controlam todas as etapas do processo de produção e circulação de mercadorias e capitais. Controlam também os estados-nacionais, de forma que a concorrência se restringe ao domínio das corporações. O sistema global do capital está numa nova crise estrutural em que não encontra sua adequação perfeita, sua subsunção real e formal.

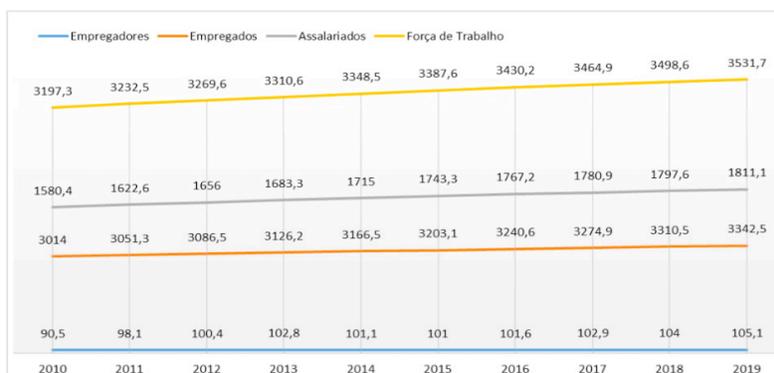
## **A ECONOMIA MUNDIAL**

Os dados coletados nos últimos meses demonstram algo que, ao contrário do meu entendimento inicial, a superexploração que poderia aumentar o tempo de trabalho excedente, gerando assim o valor necessário para garantir a substância do próprio capital, a sua riqueza com lastro real, não pode ser realizada por meio desse mecanismo.

O aumento da produtividade gera superprodução que se espelha, inicialmente, no PIB mundial e como tendência, nos PIBs nacionais. Tal tendência é o aumento do PIB e a manutenção das massas salariais a patamares que não se alteram radicalmente. Considerando que a diferença entre PIB e massa salarial é em torno de 49 a 33 Trilhões de Dólares e considerando que o sistema financeiro amplia o processo de valorização fictícia do capital; considerando que as estruturas de imposição da exploração com barateamento generalizado da força de trabalho não são capazes de diminuir a diferença real do que os trabalhadores produzem e o que realmente recebem em forma de salários; considerando que o sistema capitalista não é capaz de gerar, por si, novos empreendimentos que absorvam mais trabalhadores em quantidade suficiente para arrancar mais-valor; considerando que a tendência mundial é o aumento da produtividade a partir do aumento do capital fixo e também pelo fato de que os investimentos se dirigem basicamente ao maior incremento do capital fixo (incluindo o trabalho morto); também considerando que a alta concorrência não permite que as bases de negócios, as pequenas empresas, os pequenos comércios, mesmo em rede, não têm a capacidade de extrair mais-valor por meio da força excedente de trabalho. O capital chegou ao ponto em que não pode ter na força de trabalho a sua

âncora segura e decisiva.

A evolução do número de empregadores não é significativa a ponto de absorver mais trabalhadores em escala possível de reverter o fim da produção de valor. Segundo a OIT, em 2010, havia um total de 90,5 milhões de empregadores no mundo, em 2018, chegou a 104 milhões e em 2019, 105,1 milhões. De 2010 para 2018, o aumento de empregadores foi de 14,92%; de 2010 para 2019, em 16,13%; de 2018 para 2019, o aumento foi de 1,06% (OIT, maio, 2018). Podemos fazer o mesmo cálculo proporcional relativo ao número de trabalhadores no mundo. A força de trabalho em 2010 era de 3,1973 bilhões de pessoas, em 2018 chegou a 3,4986 e em 2019, segundo ainda a OIT, alcançou 3,5317 bilhões. De 2010 para 2018 o aumento da força de trabalho no mundo foi de 9,42%. De 2010 para 2019, 10,46%. De 2018 para 2019, o aumento relativo foi de 0,94% (OIT, maio, 2018). Os empregados estavam assim distribuídos, a saber. Em 2010 eram 3,014 bilhões, em 2018, 3,3105 bilhões e em 2019, 3,3425 bilhões. Em outras palavras, respectivamente, 9,84%, 10,90%, 0,97% (OIT, maio, 2018).



Varição do número absoluto de Empregados, Assalariados, Força de Trabalho e Empregadores (2010-2019)

Fonte: OIT/2018

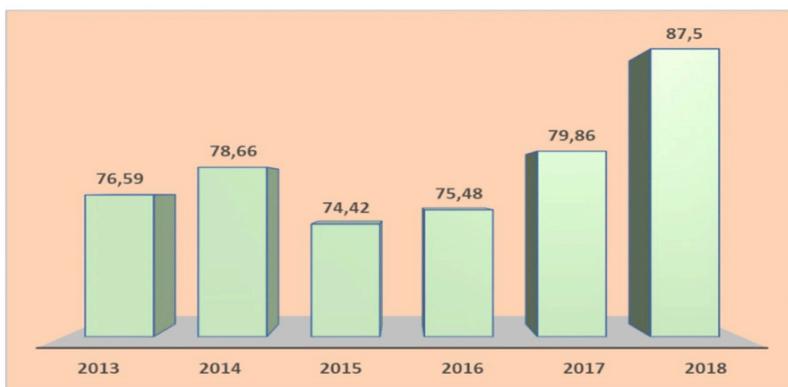
	Empregadores	%	Força de Trabalho	%	Empregados	%
2010	90,5		3,1973		3,014	
2018	104	14,92%	3,4986	9,42%	3,3105	9,84%
2019	105,1	1,06%	3,5317	0,94%	3,3425	0,97%
2010-2019		16,13%		10,46%		10,90%

Avanço nominal e relativo entre empregadores, força de trabalho e empregados

Fonte: OIT/Elaboração Própria

Mesmo havendo um incremento entre os empregadores, de 2010 a 2018, de 14,92%, a força de trabalho cresceu 9,42% e o de empregados (os ocupados), bateu na casa de 9,84%. Entre 2018 e 2019, o aumento de empregadores foi ligeiramente maior que o da força de trabalho e ainda dos trabalhadores efetivamente empregados. Entre 2010 e 2019, maior margem cronológica – o número de empregadores aumentou em 16,13%, mas a força de trabalho não seguiu essa tendência, também os empregados no mundo estiveram abaixo do crescimento das empresas (ou empregadores). Os trabalhadores empregados tiveram menor incremento do que o de empregadores e a diferença pífia entre 2018 e 2019, demonstra que o sistema parece não conseguir empregar em grande quantidade, mesmo com crescimentos robustos entre a faixa de tempo maior.

O maior crescimento se verifica entre os trabalhadores empregados no setor de comércio e serviços. Os dados mostram um aumento gradativo e robusto de 2001 a 2019, sem nenhuma queda ou estabilização. O setor que mais tem experimentado uma queda significativa foi o da agricultura, seguindo a tendência contrária dos serviços e comércio. Ao passo que a indústria não apresenta recuperação em seus postos de trabalho, ao contrário, verifica-se uma tendência também à sua diminuição gradativa. Se levarmos em conta que a maior parte da riqueza produzida pelos trabalhadores concentra-se no setor de serviços e comércio, significando que do total do PIB produzido em 2017, de 80 T, 50 couberam a esse setor em específico. Há um processo inercial incapaz de promover um aumento da base de valor por meio da exploração absoluta. Em 2018, a OIT já contava com 2 bilhões de trabalhadores na informalidade ou em processos de terceirização.



Evolução do PIB mundial, de 2013 a 2018 (em US\$ Trilhões)

Fonte: <http://zambiamf.opendataforafrica.org/IMFWEO2018Apr/imf-world-economic-outlook-weo-database-april-2018>

Ainda relativo ao ano de 2017, o setor de serviços e comércio empregou algo em torno de 1,6734 bilhão de trabalhadores e produziu, em relação ao PIB mundial, 50,053 Trilhões. A indústria empregou 735 milhões de trabalhadores e produziu 23,875 Trilhões e a agricultura produziu 5,084 trilhões e empregou 866 milhões (HOWMUCH, julho, 2018). O capital fixo está cada vez mais concentrado no conhecimento tecnológico, maior a sua concentração, maiores as condições de aumento da produtividade, o que gera uma superabundância de mercadorias que atravessam as fronteiras. Os salários não absorvem a circulação que, de modo bem simples de entender, encalha e deve ser compensado. É impressionante como o sistema financeiro, engatado nas 502 maiores corporações (FORTUNE GLOBAL 500, 2017), é capaz de gerar uma quantidade de capital inexistente a fim de compensar a diferença real entre o produzido e o adquirido pelo “mercado consumidor”.

O sistema econômico mundial conta com articulação orgânica entre as instâncias financeiras e as estruturas estabelecidas e organizadas pelas corporações que controlam os processos produtivos, as condições da força de trabalho. Decidem a sobrevivência de empresas em todos os ramos, controlam os preços locais e mundiais e, sobretudo, têm um papel especial nas relações de poder com os estados-nacionais. Todos os negócios entre corporações e as empresas, nas bases produtivas ou nas condições em que se realiza o mercado das mercadorias, são determinados e financiados pelos montantes de capital advindos dos vários setores do sistema financeiro. As corporações compram, vendem, desmembram, fundem empresas, o capital que lastreia essas operações vem do sistema financeiro e dos bancos em geral. As corporações têm um caráter estrutural, além disso, 201 corporações são controladas diretamente pelo sistema financeiro. Segundo a FORTUNE GLOBAL 500, 2017, em 2017, a receita das 502 maiores corporações foi de U\$ 31 Trilhões, ao passo que a receita dos 222 países somou U\$ 21 Trilhões. Ainda segundo a mesma fonte, as 10 maiores receitas corporativas excedem US \$ 3 trilhões, semelhante à receita de 196 países.

A estrutura sistêmica do capital está cada vez mais distante das condições humanas, este sistema se desprendeu gradativamente das relações concretas de dominação e cotidianidade e passa a controlar o mundo a partir de sua condição virtual de produzir o capital como forma emanada do valor e sua autovalorização.

### **A terceira etapa: em busca de adequação**

Na primeira e segunda fases do capital, a riqueza dependeu exclusivamente da força de trabalho, de sua espoliação direta e, gradativamente, indireta, por meio das condições relativas de exploração, dadas pelas condições gerais de produção. A riqueza concreta era dada pela formação do trabalho concreto a riqueza abstrata era gerada pelo valor, isto é, pelo trabalho abstrato.

É por isso que o tempo se tornou a chave da exploração e do acúmulo de capital como riqueza abstrata, mas ainda, com enorme potencial de desenvolvimento da máquina

produtiva – a grande indústria. Com isso, socialmente medido, o tempo de trabalho havia se tornado a mediação da produção de riqueza. Na era da grande indústria, em que o capital, como formação ideal, encontrara a adequação mais que perfeita para a sua realização como forma social e como forma abstrata, a riqueza, fundamentalmente, pressupunha o trabalho e, dito de forma mais afinada, como a riqueza da não-liberdade.

Marx expõe as contradições internas da lógica do próprio capital, nos *Grundrisse*,

o capital limita – por meio de restrição artificial, como os ingleses o expressam – o trabalho e a criação de valor, e o faz, na verdade, pela mesma razão porque e à medida que põe trabalho excedente e valor excedente. Portanto, de acordo com sua natureza, o capital põe um obstáculo para o trabalho e a criação de valor que está em contradição com sua tendência de expandi-los contínua e ilimitadamente. E uma vez que tanto põe um *obstáculo* que lhe é específico quanto, por outro lado, avança para além de todo obstáculo, o capital é a contradição viva. (MARX, 2011, p. 558)

A contradição do capital não pode ser solucionada, não pode prescindir da exploração do tempo excedente de trabalho, ao mesmo tempo em que o valor obriga os produtores a expulsarem os trabalhadores, por meio das forças de produção que ampliam sua capacidade científica. Marx observa essa realidade no processo produtivo ainda quando historicamente a indústria se desenvolvia no interior da segunda revolução industrial, segue a linha da lógica da dialética hegeliana, cuja substância do movimento da contradição do real é a negação da negação. O capital nega a sua própria lógica, mas durante determinado período, segundo o qual Marx não tinha possibilidades empíricas para definir seus limites históricos, quando chega a terceira revolução, a grande-indústria deixa de ser a forma adequada do capital.

Se a grande indústria aparece como a negação do processo de trabalho, a pós-grande indústria é a segunda negação do processo de trabalho, e na realidade a negação da negação. Mas se a grande indústria representa a posição material (adequada) do capital no processo produtivo, poder-se-ia dizer também que a pós-grande indústria representa a segunda posição material (...) Assim, a pós-grande indústria é ao mesmo tempo a segunda negação do trabalho como princípio do processo produtivo, e a segunda posição do capital no processo material de produção. (FAUSTO, 1989, p. 49)

O capital está à procura de sua adequação, uma vez que a adequação perfeita ocorrera na segunda revolução industrial, agora, o sistema financeiro é o sintoma doentio de um processo de descolamento da lógica estrutural do conteúdo do capital.

O homem não é mais sujeito do processo de produção, ou antes, a segunda negação faz com que se rompa a estrutura do processo de produção como processo de trabalho. O homem é de certo modo “posto para fora”, liberado (*freigesetzt*) do processo, mas é assim mesmo que ele passa a dominar o processo. (FAUSTO, 1989, p. 52)

Como afirma Ruy Fausto acima, o “homem não é mais sujeito do processo de produção”. A consequência dessa condição é a total alienação dos trabalhadores sobre o que é produzido, dado o desenvolvimento das forças de produção, não apenas os trabalhadores, mas toda a humanidade não tem o poder de tocar naquilo que é produzido à revelia de sua própria vontade social ou política. O distanciamento da materialização da produção gera um conflito de natureza monstruosa, uma vez que não há condições de interferir nos destinos dos processos de produção, que se deslocam graças à inteligência científica posta a serviço como a Inteligência Artificial, que arranca das mãos humanas a possibilidade de interferir nos processos.

A riqueza não é mais produzida pelo trabalho, apesar de que a massa de trabalhadores não diminui em sentido oposto aos avanços da indústria e seu progresso tecnológico. Daí o fato de que o trabalho se torna precário ao extremo porque, contrariamente do que muitos ainda podem supor, quanto mais o setor de serviços emprega, quanto menos os setores da indústria e agricultura empregam, mais a sociedade, como um todo, empobrece, do ponto de vista das condições de geração de riqueza como ainda a entendemos.

Se, na grande indústria, tínhamos uma posição da forma na matéria através de uma organização material adequada, temos agora uma espécie de *posição na matéria da forma enquanto forma*. É a forma enquanto tal – mas, atenção, a forma *material*, a ciência, não a forma formal, o capital – que é posta na matéria. A ciência se objetiva *enquanto* ciência na matéria. Surge assim uma espécie de *ciência objetivada* na maquinaria da pós-grande indústria. (FAUSTO, 1989, p. 57)

O que Marx trata como a grande indústria e, por conseguinte, como a pós-grande-indústria, é, a expressão do processo das condições efetivas da substituição do trabalho vivo pelo capital fixo e em especial pelo trabalho morto, dado pela ciência – forma material condicionante dos processos produtivos objetivos e materiais. A pós-grande-indústria é a conjugação das forças de produção que impuseram, pela necessária ordem da lei do valor, a terceira revolução industrial que fez desmoronar as estruturas sociais organizadas em torno das condições gerais de produção da grande-indústria.

Para o capital em geral, ainda a sua forma está condicionada ao seu conteúdo. Forma que se expande para manter o conteúdo numa formalidade que não mais o sustenta. O capital encontra, então, a sua antítese, a sua negação em si mesmo, afinal, historicamente, se encontra consigo mesmo, o seu total negativo, que não apenas nega a si mesmo, como abre o caminho para a sua destruição. Sem que os agentes o percebam, o sistema se inverte, encontra o seu inverso, a riqueza abstrata se torna a realidade real enquanto a riqueza material deixa de compor a consciência dos indivíduos, há como uma sujeição absoluta a uma metafísica que tem um suposto lastro num sistema cuja riqueza de fato não existe, é uma ficção, uma mentira, porque não está com os pés no chão.

Por outro lado, o aumento gigantesco, em escala geométrica e não aritmética,

mostra que o sistema está totalmente à deriva, precisa aumentar cada vez mais os graus de refinanciamento das estruturas financeiras e para corroborar essa situação, as maiores corporações controlam toda a rede de produção, circulação e consumo, em contato direto com grupos financeiros que atuam em conjunto para controlar os preços e regular os fluxos de produção e do mercado de trocas em geral, ou, o mercado das mercadorias, tanto quanto a força de trabalho.

Também aumentam as dívidas privadas, numa proporção de 3 para 1 em relação às dívidas somadas dos estados-nacionais. O endividamento sucessivo pode ser observado nos dados apresentados em caráter simultâneo. Nenhuma dívida é estancada ou retrocede, ao contrário, todos os níveis de endividamento permanecem em estado de crescimento contínuo, como um moto perpétuo que age por si mesmo, sem nenhum controle efetivo, seja por parte dos estados-nacionais, seja por parte dos trabalhadores ou de organizações e movimentos sociais.

Mas não deixa de haver uma apropriação do tempo excedente de trabalho. Este não mais pode ser aplicado na forma tradicional da exploração na grande indústria. Agora, o próprio fato de haver uma quantidade enorme de trabalhadores no mundo dos serviços e comércio, mostra que o capital age de outra forma, está em busca de uma nova adequação que é a exploração do tempo livre, mãos-valor social, não como tempo de ociosidade, mas, sobretudo, como a consequência do incremento do capital fixo.

A riqueza abstrata atinge níveis nunca antes na história do capital. Ao que tudo indica, poderá haver não apenas uma crise, como uma espécie de crise que faça derreter o dinheiro que não existe, como pode também derreter a diferença entre o produzido e o pago. Seria então necessário aumentar o capital variável, a fim de que houve possibilidade de aumentar as margens, não somente de lucro, mas as margens de valor e de mais-valor.

No ritmo em que a economia mundial avança e a iminência de uma quebra generalizada que, em termos concretos, será, ao menos, 20 vezes maior que a de 2008, considerando um intervalo de 10 a 11 anos, será impossível aumentar o capital variável a ponto de reverter esse processo e lastrear o capital de volta a um leito mais confiável. Para aumentar o capital variável, seria então necessário um esforço global para introduzir além do número que tem se mantido relativamente constante de empregados, ao menos um ou dois bilhões de trabalhadores, num ritmo alucinado e improvável de acontecer.

Restam para o capital, poucas alternativas. Uma delas poderia ser o controle efetivo das commodities, as mercadorias e as matérias-primas que são a base de toda a produção de mercadorias. Esse controle poderia, se houver também um esforço concatenado, baixar os custos e os preços globais dessas matérias-primas a fim de fazer baixar o capital fixo. Contudo, para que o sistema encontre mecanismos para baratear as commodities, a fim de reduzir o capital fixo, seriam necessários esforços no sentido contrário, para aumentar a eficiência do próprio capital fixo, ou seja, a produção de commodities deverá seguir a mesma lógica das formas de produção em escala global. Ou, em outras palavras, é

possível que o capital fosse levado a mais uma armadilha.

Diminuir o capital fixo seria, por outro lado, uma possibilidade de atacar o capital variável. Mas caímos no esmo círculo vicioso, pois para diminuir o custo do capital fixo, seria necessária mais eficiência, concentração de conhecimento científico a fim de garantir o barateamento do capital fixo, o que não redundaria em garantias para o aumento do valor e do mais-valor por meio da exploração do capital variável.

De uma forma ou de outra, o capital se depara com a cristalização do trabalho científico. Mesmo que as grandes corporações garantam o domínio completo das mercadorias de base e das matérias-primas de base, elas têm de garantir que as empresas que estão sob seu domínio, estejam aptas a concorrerem no universo concorrencial global. Se houver, em contrapartida, uma tendência a um monopólio, não haverá condições mais de exercer o capitalismo como sistema social do capital.

É por isso que, de modo esquizofrênico e paranoico, o sistema social do capital procura encontrar brechas por todos os lados, fazendo com que o tempo e o espaço do tempo coincidam, convirjam, a fim de que todos possam ser explorados no seu tempo livre. Quanto ao tempo livre, refiro-me ao tempo da não-produção concreta, real, o tempo da produção material que agora se torna produção imaterial. O tempo é o tempo total da vida dos seres humanos, só assim podemos imaginar que o capital esteja desesperado em encontrar uma nova forma de exploração, mas que permanece atada ao tempo. O capital coloca os 7,7 bilhões de seres humanos a trabalharem numa fábrica social.

O capital não consegue se desvencilhar de sua concepção original, não consegue se desprender do tempo do trabalho, preciso transformar o imaginário, o abstrato, o tempo fora da produção, em tempo real abstrato, ou seja, uma forma de arrancar o impossível. Nessas pretensas condições, o capital avança sobre a humanidade como um todo, mas continua a produzir mercadorias e a rumar para a sua total impossibilidade, tanto histórica quanto lógica. As duas esferas parecem caminhar, por algum tempo, paralelas e até, em certo sentido, como que, autônomas, mas eis que agora, história e lógica se aproximam e quando de fato se tocarem, ambas cobrarão, uma da outra, a sua própria contradição e a impossibilidade de realizarem-se como formas adequadas ao próprio sistema.

Se o tempo do não-trabalho pode ser considerado substância da riqueza, então, o sujeito social agora não é tão-somente o trabalhador, somos todos nós. A classe trabalhadora continua a existir, continua a ser explorada pelo capital que não consegue mais arrancar dessa massa as condições reais para a geração do valor, sua rentabilidade está prestes a se tornar um deserto global.

A emergência do homem no processo material como vigia da máquina e não mais vigia da máquina indica o fim da subordinação do trabalho ao capital. (...) na primeira fase, a mau fatura, a subordinação é apenas formal, ela não existe no interior do processo material de produção, senão na relação para com uma subjetividade global (que, sem dúvida, nega à sua maneira

a individualidade, ela mesma reduzida a parte). Na segunda fase, a grande indústria, onde ocorre a primeira posição adequada da forma na matéria, se tem a subsunção real, isto é, formal e material. Com a pós-grande-indústria desaparece a subordinação material, e é nesse sentido e só nesse sentido que se retoma a primeira situação. Na realidade, se tem uma negação da negação. Se a subordinação material desaparece é porque o processo de trabalho perdeu plenamente o seu caráter de processo de trabalho. O processo de produção tem um caráter muito próximo ao de um processo de produção da ciência. (FAUSTO, 1989, p. 60)

Isto quer dizer que até certo ponto do processo produtivo material concreto, o trabalhador representava a subordinação formal e material da formação do capital como riqueza material e abstrata. Subordinação material que significa subsunção, isto é, o capital havia atingido a sua perfeição como conteúdo e como forma social, histórica e lógica, havia se transformado em uma tautologia social. O capital atingiu uma nova forma, mas isso não quer dizer que se tornou algo diferente de si mesmo, apenas exige formalmente novas adaptações ou adequações. Ocorre que tais não se verificam a contento, por isso, uma explosão ou podemos dizer, uma implosão da consciência quanto ao próprio trabalho, quanto ao estar empregado, quanto à exploração, quanto à consciência de classe.

Não há saída para o capital, não podemos transitar no interior de um sistema que chegou ao seu fim, mesmo que ainda haja bilhões que trabalhem em troca de um salário que não representa mais a real condição de sua natureza. Mesmo que haja a tentativa hercúlea de aumentar a base de exploração sobre os trabalhadores e sobre os seres humanos que são capturados pela nova forma, seu mecanismo lógico está entrando em rota de colisão com sua própria forma social global.

Não há mais estados-nacionais que sustentem essa condição, mesmo que se movam para a guerra, mesmo que se movam em direção à matança generalizada, mesmo que o fascismo se torne uma regra de controle social, mesmo até que a repressão aumente a níveis inimagináveis, mesmo que obriguem a humanidade a trabalhar 24 horas por 7 dias da semana, a base do capital parece não mais existir, como subordinação formal. O capital fixo é o exemplo disso. Concentração de poder expressa por meio da concentração de conhecimento, é a expressão desse desvario completo em nossa história.

Ao ruir o sistema financeiro, ruirão as forças que o sustentam. Mesmo que Rússia e China procurem cercar a economia dos EUA, mesmo que seus negócios sejam realizados em suas próprias moedas, mesmo que o cerco à dívida dos EUA seja uma bomba relógio, nem mesmo a crescente economia chinesa será capaz de ampliar a base de valor global. Assim, a riqueza não pode ser medida pelo tempo de trabalho. O novo ser humano que pretensamente surge dessa confusão, um sujeito social que caminha à deriva, numa nau que está afundando, mas este sujeito parece não se dar conta de que não há saída, mesmo que ele pule da nau, o oceano que o engolirá não o salvará, pois não há terra à vista, será afogado. O capital é agora esse oceano que sem forma e a nau é apenas um elemento

contingente. Os discursos, as narrativas, os movimentos sociais, os partidos políticos, os próprios políticos, os gurus, as viúvas, os satanistas, os sacerdotes de toda ordem, os militares de plantão, os meios virtuais, todos estão juntos, escondidos em suas gavetas ou em seus aposentos. Trata-se de uma forma social que coloca a humanidade em risco total, cegamente ainda tenta nutrir sua contradição sem qualquer possibilidade de solução.

### **O momento do impasse**

Há um dilema para a burguesia mundial. Na prática, os estados-nacionais foram transformados em ficção para as massas trabalhadoras. O sistema financeiro e as corporações controlam todo o processo de produção, fluxos, circulação, preços, controlam fundamentalmente as empresas e o dinheiro global. Ao chegar a este ponto, fatalmente controlam os estados-nacionais e os manipulam a manutenção do controle dos trabalhadores no interior das fronteiras nacionais. Não há mais fronteiras para o sistema mundial do capital. À medida que as estruturas de produção e a crise do capital advindas das estupendas mudanças nos processos de produção, forçam a uma crise geopolítica em que as fronteiras passam a ser um problema a ser administrado em escala global. De fato, as fronteiras só existem para os trabalhadores, mas à medida que as relações de produção ficam reféns da globalização da economia e a massa de trabalhadores se torna não-rentável, manter os estados-nacionais será um dilema a ser enfrentado.

Como salientou Guy Debord, em seu livro *Comentários à sociedade do espetáculo*,

A sociedade modernizada até ao estágio do espetacular integrado caracteriza-se pelo efeito combinado de cinco traços principais, que são: a renovação tecnológica incessante; a fusão econômico-estatal; o segredo generalizado; o falso sem réplica; um presente perpétuo. (DEBORD, 2003, p. 15)

Ressalta-se a fusão total entre o econômico e o estatal. As burguesias, ávidas por manterem o funcionamento do sistema do capital, avançam sem piedade sobre os estados-nacionais, queimam todas as mediações, eliminam os intermediários institucionais, humilham e ridicularizam a política, os partidos, controlam financeiramente o poder estatal, determinam as funções tecnocráticas da economia e impõem os seus gestores – estatais e privados.

Eliminar as fronteiras é, por conseguinte, destruir os estados-nacionais, destruí-los, seria eliminar todas as fronteiras. Traz à tona um dos problemas centrais da estrutura de exploração da força de trabalho que ainda concentra o controle jurídico e territorial sobre os trabalhadores. Trata-se de uma fronteira histórica sem precedentes, a burguesia se encontra à beira de um desfiladeiro, um processo histórico que aponta para o fim trágico de um sistema social que não alcançou ainda 300 anos. A América Latina se encontra em franca desestabilização, assim como as crises que os estados-nacionais da Europa ocidental têm enfrentado. Estados como Rússia e China demonstram que suas fronteiras e marcos regulatórios concentram poder necessário para garantir a superprodução. A China

expande seu capital para além das fronteiras territoriais e investe pesadamente em várias partes do mundo – África, Oriente Médio, Europa, América Latina e EUA.

O neoliberalismo chega ao fim, mas ao tentar queimar todas as mediações que foram constituídas ao longo das décadas após a II Grande Guerra, as instituições liberais sorveram e absorveram os impactos dos conflitos internos ao processo de produção e das relações de exploração. A política, a democracia liberal e seus instrumentos legais, o ordenamento jurídico etc., foram planejados e adaptados para conter as forças destruidoras do capital e aquelas que pareciam, a um primeiro momento, externar e estranhas ao liberalismo, cuja face mais adequada era, num primeiro momento, o esteio liberal das individualidades e, em seguida, o neoliberalismo destrói esse cabedal a fim de que possam governar diretamente, sob o pretexto da tomada nas mãos das condições gerais de produção para aumentar a eficiência do sistema produtor de mercadorias.

A luta pelo domínio e controle dos recursos assim como a necessidade de extrair mais-valor da força de trabalho, em escala mundial, não parecem ser capazes de estabelecer o equilíbrio da recomposição do capital para uma nova etapa de ganhos e controle político. Observa-se, em contrapartida, o fato de que as escolhas políticas, as estratégias estipuladas pela burguesia e seus gestores, fracassam em poucos anos de sua implantação. As escolhas das burguesias locais e mundiais tendem a um fracasso em seus resultados concretos, tanto para os trabalhadores quanto para a economia capitalista.

Com a perspectiva do fim, o capital procura adequar-se em duas esferas. A primeira, a forma que lhe dê continuidade no seu estrito campo de funcionamento – a produção de valor; a segunda, consequência da primeira, é a busca pela forma social adequada que implica, em seu interior, a forma política estatal necessária para controlar o trabalho em uma nova etapa. Mas, os resultados são os mais terríveis, pois a forma social é a que mais sofre os efeitos da destruição do sistema de produção do capital – todas as instâncias da sociedade mergulham na aventura desastrosa, uma vez que estamos a viver o fim de um período histórico que alcançou o planeta rapidamente e o coloca em risco iminente.

## REFERÊNCIAS

DARDOT, Pierre, LAVEL, Christian. **A nova razão do mundo: ensaio sobre a sociedade neoliberal**. Tradução Mariana Echalar. São Paulo Boitempo, 2016. (Estado de Sítio)

DEBORD, Guy (b). Comentários sobre A sociedade do espetáculo. In **A sociedade do espetáculo e outros textos de Guy Debord**, [www.terraviva.pt/ilhadomel/1540](http://www.terraviva.pt/ilhadomel/1540), 2003, disponível em <http://www.ebooksbrasil.org/adobeebook/comentariosse.pdf>, acesso em 15/01/2018.

DOWBOR, Ladislau. **A era do capital improdutivo: Por que oito famílias têm mais riqueza do que a metade da população do mundo?** São Paulo: Autonomia Literária, 2017.

FAUSTO, Ruy. A “pós-grande indústria” nos *Grundrisse* (e para além deles). **Lua Nova**, São Paulo, Novembro, 1989, N.º. 19, pp. 47-67.

FORTUNE GLOBAL 500 (2017): <http://fortune.com/global500/list/> (downloaded 26 July 2018) in **CIA World Factbook (2017)**: <https://www.cia.gov/library/publications/the-world-factbook/fields/2056.html> (downloaded 26 July 2018).

HOWMUCH – Understanding Money. **Is Cryptocurrency ‘The Mother of all Bubbles?’** This Visualization Puts Things in Perspective. <https://howmuch.net/articles/visualizing-the-biggest-economic-bubbles>, 24 de julho de 2018.

OIT. Labour market projections -- ILO modelled estimates, May 2018 [http://www.ilo.org/ilostat/faces/oracle/webcenter/portalapp/pagehierarchy/Page3.jspx?MBI\\_ID=27](http://www.ilo.org/ilostat/faces/oracle/webcenter/portalapp/pagehierarchy/Page3.jspx?MBI_ID=27), Downloaded from ILOSTAT. Last update on 03DEC18.

OIT. **Labour market projections - ILO modelled estimates**, may 2018 [http://www.ilo.org/ilostat/faces/oracle/webcenter/portalapp/pagehierarchy/Page3.jspx?MBI\\_ID=27](http://www.ilo.org/ilostat/faces/oracle/webcenter/portalapp/pagehierarchy/Page3.jspx?MBI_ID=27), Downloaded from ILOSTAT. Last update on 03DEC18.

## ÍNDICE REMISSIVO

### A

Adequação 13, 41, 102, 104, 105, 108, 109, 111

Alienação 10, 11, 110, 123

Anteprojeto do Novo Código Penal 167, 174, 175

### B

Bem Viver 92, 93, 94, 95, 97, 98, 99, 100, 101

Bioética 181, 182, 191, 193, 194

### C

Cartografia 25, 26, 28, 29, 30, 31, 32, 33, 37, 38

Ciência 4, 19, 24, 26, 27, 59, 60, 61, 72, 79, 97, 102, 103, 104, 110, 113, 133, 140, 155, 182, 213, 214, 217, 223, 225

Consumo 100, 103, 111, 117, 118, 119, 120, 123, 125, 126, 171, 191, 248

Contemporaneidade 42, 117, 118, 126, 204

Crimes Econômicos 167, 168, 177, 180

Crise 6, 102, 103, 104, 105, 111, 114, 117, 118, 119, 124, 125, 126, 135

Cultura 1, 2, 7, 8, 10, 12, 13, 14, 15, 16, 24, 39, 41, 43, 45, 49, 52, 53, 54, 57, 79, 117, 119, 120, 121, 122, 123, 124, 125, 126, 127, 128, 129, 131, 134, 135, 136, 139, 144, 150, 157, 195, 196, 212, 213, 221, 226, 228, 231, 232, 248

### D

Desenvolvimento Emocional 226, 227, 231, 233

Desenvolvimento Humano 8, 10, 11, 12, 15, 128, 129, 136, 226, 227, 228

Didática da História 67

Direito 1, 2, 3, 4, 5, 6, 7, 12, 41, 48, 55, 58, 63, 84, 128, 129, 139, 145, 146, 147, 148, 149, 150, 151, 152, 153, 155, 158, 159, 160, 161, 162, 165, 167, 168, 169, 170, 171, 172, 173, 174, 175, 176, 177, 178, 179, 180, 181, 182, 183, 184, 187, 188, 189, 191, 192, 193, 212, 218, 223, 224, 225

Direito Digital 155

Discurso Jurídico 141, 142, 143, 144, 145

### E

Educação 1, 2, 3, 4, 5, 6, 7, 8, 12, 13, 14, 15, 16, 24, 26, 27, 28, 32, 33, 38, 39, 40, 41, 42, 43, 44, 45, 46, 47, 48, 49, 50, 51, 52, 53, 54, 55, 61, 69, 70, 71, 72, 73, 74, 75, 76, 77, 78, 83, 92, 94, 95, 97, 98, 99, 100, 101, 118, 124, 128, 129, 133, 134, 135, 141, 150, 193, 210, 223, 245, 247

Espeleoterapia 202

Espeleoturismo 202, 209

Estados-Nacionais 102, 103, 105, 108, 111, 113, 114

Estágio 69, 70, 71, 72, 73, 74, 75, 76, 77, 78, 93, 126

Estética 19, 21, 23, 42, 79, 84, 117, 119, 120, 126

Ethos 126, 195, 196, 197, 198, 199, 200, 224

Ética 52, 56, 68, 94, 97, 99, 126, 155, 157, 161, 162, 163, 164, 165, 184, 186, 191, 192, 193, 194, 217

Evolução 72, 106, 107, 155, 156, 157, 158, 160, 163, 164, 168, 228

## **F**

Fontes Imagéticas 17, 18, 20

Formação Docente 41, 44, 45, 47, 48, 53, 54, 69, 70, 77, 78

## **G**

Genocídio 195, 197, 198, 199

## **I**

Inteligência Artificial 110, 155, 156, 158, 161, 162, 163, 164

Interdisciplinaridade 39, 44, 45, 46, 47, 53, 54, 128, 137

## **L**

Legalidade 169, 174, 211, 217, 218, 222

Linguagem 9, 11, 12, 13, 14, 16, 25, 29, 30, 31, 33, 34, 37, 47, 48, 55, 58, 101, 120, 121, 123, 125, 139, 141, 142, 143, 144, 154, 186, 188, 228, 232, 233

## **M**

Marxismo 8, 11, 64, 139

Memórias 80, 82, 91, 135, 137, 163, 195, 215

## **N**

Natureza 5, 6, 9, 11, 12, 21, 27, 28, 32, 42, 44, 45, 49, 64, 71, 72, 73, 79, 83, 93, 94, 95, 98, 100, 103, 105, 109, 110, 113, 121, 122, 131, 133, 144, 150, 151, 158, 162, 163, 173, 209, 212, 215, 216, 220

Normatização 55

## **P**

Pesquisa 3, 6, 8, 10, 17, 26, 34, 36, 37, 46, 54, 55, 56, 64, 92, 93, 94, 95, 96, 97, 98, 99, 100, 101, 128, 129, 130, 131, 132, 133, 137, 179, 183, 202, 205, 210, 213, 222

Práticas Sociais 132, 134, 141, 143, 144, 145, 217

Privacidade 155, 156, 158, 159, 160, 161, 165, 239

Produção de valor 102, 104, 106, 115

Produção e recepção 55

## **R**

Relações de Poder 55, 60, 108, 142

Religião 124, 187, 202, 204, 207, 209, 210, 211, 212, 213, 220, 222

Representações 24, 30, 99, 131, 210, 214, 215, 231

Responsabilidade Civil Médica 181, 190

Responsabilidade Penal Da Pessoa Jurídica 167, 168, 171, 173, 174, 175, 176, 178, 180

Retórica 146, 147, 148, 149, 151, 152, 154, 195, 201

Ritos fúnebres 211, 213, 220

## **S**

Sistema Financeiro 102, 103, 105, 108, 109, 113, 114, 175

Subjetividade 17, 21, 22, 23, 112, 117, 120, 123

## **T**

Tecnologias 38, 39, 40, 47, 48, 49, 53, 54, 157, 160, 162, 164, 168, 248

Teoria Histórico-Cultural 8, 16

Trocas Afetivas 226, 228, 230, 231, 233

Turismo de saúde 202, 209

## **V**

Viagem 79, 80, 81, 84, 86, 87, 89, 90, 91, 118, 197, 199, 200

# Ciências Humanas: Afeto, Poder e Interações

## 2

[www.atenaeditora.com.br](http://www.atenaeditora.com.br) 

[contato@atenaeditora.com.br](mailto:contato@atenaeditora.com.br) 

[@atenaeditora](https://www.instagram.com/atenaeditora) 

[www.facebook.com/atenaeditora.com.br](https://www.facebook.com/atenaeditora.com.br) 

 **Atena**  
Editora

**Ano 2020**

# Ciências Humanas: Afeto, Poder e Interações

## 2

[www.atenaeditora.com.br](http://www.atenaeditora.com.br) 

[contato@atenaeditora.com.br](mailto:contato@atenaeditora.com.br) 

[@atenaeditora](https://www.instagram.com/atenaeditora) 

[www.facebook.com/atenaeditora.com.br](https://www.facebook.com/atenaeditora.com.br) 